

Dia Mundial da Hepatite — a Hepatite C entre os consumidores de drogas na Europa:

Novo relatório do EMCDDA aponta razões para esperança no tratamento da Hepatite C

A hepatite C é uma doença infecciosa do fígado causada pelo vírus da hepatite C que pode ser transmitido pelo sangue (VHC). Cerca de 115 milhões de pessoas em todo o mundo foram infetadas em algum momento da sua vida pelo VHC. Estima-se que dois terços destes indivíduos, mais de 5 milhões na União Europeia estejam infetados cronicamente. A infeção é altamente prevalente entre as pessoas que injetam drogas e que assim podem contrair a doença causada pelo VHC através da partilha de agulhas, seringas e outro material de injeção. Num novo relatório publicado no dia 28 de julho, Dia Mundial da Hepatite, o Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (EMCDDA) analisa novas possibilidades para a prevenção e tratamento eficazes da doença, incluindo a utilização de novas gerações de medicamentos. O novo relatório — Hepatitis C among drug users in Europe: epidemiology, treatment and prevention (A hepatite C entre os consumidores de drogas na Europa: epidemiologia, tratamento e prevenção) — proporciona uma análise atualizada da epidemiologia da infeção pelo VHC na Europa e uma estimativa da sua prevalência entre pessoas que consomem drogas injetáveis. Os níveis de infeção pelo VHC neste grupo variam entre 15 % e 84 %, sendo que muitos estudos revelam 50 % ou mais de infetados. Existem também indicadores de que a transmissão entre os jovens consumidores de droga por via intravenosa continua a acontecer e, em alguns países, mantem-se em níveis elevados, o que sugere que a infeção pode ser contraída no início do percurso deste tipo de consumo. De acordo com o relatório, «a prevenção da transmissão do VHC no que respeita ao consumo de drogas injetáveis continua a ser um dos grandes desafios de saúde pública da Europa». A infeção inicial pelo VHC é frequentemente assintomática, e muitas pessoas com historial de consumo de drogas injetáveis não sabem que são portadoras do vírus, razão pela qual

se apelida a doença de «epidemia oculta». Se for ignorada, a infeção pode causar doença hepática crónica, cirrose, cancro e morte. Alexis Goosdeel, Diretor do EMCDDA, afirma: «Não combater a infeção pelo VHC entre pessoas que consomem drogas injetáveis acarreta custos consideráveis no futuro, quer para os indivíduos, quer para os orçamentos na área da saúde. O nosso novo relatório mostra, no entanto, que atualmente existem motivos para um maior otimismo no que respeita à prevenção e tratamento da doença. Isto acontece graças à conjugação do tratamento de substituição de opiáceos e dos programas de troca de agulhas e seringas com novas opções farmacológicas para o VHC e com uma crescente confiança na forma de administrar o tratamento a pessoas que injetam drogas na comunidade. Considero que temos neste momento, na Europa, uma oportunidade de progredir, de forma real e sustentada, nesta área. A conjugação do tratamento com medidas adequadas de prevenção e redução dos danos dá-nos as ferramentas necessárias para controlar esta epidemia.»

Novos medicamentos ajudam a reduzir as barreiras ao tratamento

O tratamento tradicional para o VHC incluía o recurso aos fármacos Interferon e Ribavirina. Embora possam ser eficazes, a verdade é que a tolerância aos mesmos é muito baixa, os efeitos colaterais que provocam são graves e o período de tratamento é longo (24-48 semanas). Estes fatores contribuíram muitas vezes para uma fraca aceitação do tratamento por parte dos toxicodependentes. Contudo, segundo o relatório, que nos oferece uma visão geral atualizada dos novos medicamentos disponíveis ou em desenvolvimento hoje em dia, esta situação tem vindo a alterar-se. Na sequência do aparecimento no mercado de novos medicamentos antivirais, o relatório descreve como estes podem ser administrados por um período de tempo



“Provavelmente pela primeira vez, existe agora uma verdadeira oportunidade de fazer face à elevada prevalência da infeção pelo VHC em comunidades de consumidores de drogas injetáveis.”



mais curto e com menos efeitos secundários, melhorando a possibilidade de permanência no tratamento. O relatório adianta ainda que a oferta de tratamento do VHC se tornou menos problemática. O recurso a um regime do tratamento do VHC totalmente oral e sem Interferon torna a sua administração mais simples, incluindo nos contextos do tratamento da toxicod dependência e de cuidados de saúde primários. O relatório acrescenta que estes progressos significam que, provavelmente pela primeira vez, existe agora uma verdadeira oportunidade de fazer face à elevada prevalência da infeção pelo VHC em comunidades de consumidores de drogas injetáveis.

Prevenir novas infeções e melhorar o rastreio

As atividades de promoção da saúde que incentivam as pessoas a não injetar drogas, ou a alterar comportamentos de risco como o consumo de drogas por via intravenosa (por exemplo, programas de troca de agulhas, tratamento de substituição de opiáceos), continuam a ser elementos-chave das atuais abordagens de prevenção do VHC. Contudo, segundo o relatório, a cobertura de ambas as medidas continua subotimizada em muitos países, pelo que é necessário envidar mais esforços. O relatório prossegue sublinhando a necessidade de estender os serviços aos grupos mais desfavorecidos e vulneráveis, mas também de proporcionar às pessoas que consomem drogas injetáveis diagnósticos e cuidados direcionados para o VHC. O relatório destaca o papel importante que o tratamento pode ter na prevenção da propagação do vírus e explica que o tratamento enquanto prevenção surge agora como uma possibilidade real de dar uma resposta eficaz à epidemia de VHC entre os consumidores de droga injetáveis na Europa. O facto de muitas das pessoas infetadas com o VHC desconhecerem que contraíram a doença tem consequências, quer para a transmissão contínua do vírus, quer para a saúde a longo prazo do indivíduo em causa. Daí a importância de sensibilizar o público e os profissionais de saúde para a necessidade de fazer as análises para despiste da doença. A oferta de testes gratuitos a todos os consumidores de drogas em tratamento é considerada uma boa prática. Esta iniciativa é apoiada pelas recentemente estabelecidas normas mínimas de qualidade para a redução da procura na União Europeia (Conselho da União Europeia, 2015), as quais recomendam, entre outros, que «[O]s serviços terapêuticos oferecem testes voluntários para doenças infecciosas transmitidas por via sanguínea, aconselhamento contra comportamentos de risco e assistência para controlar a doença».

Intensificar o tratamento e apoiar as políticas destinadas eliminar a hepatite

Estudos sugerem que a conjugação do tratamento generalizado da hepatite C, apoiada por outras medidas de prevenção primária, tem o potencial de reduzir a transmissão do VHC. O relatório salienta que são agora necessários dados experimentais para testar as projeções dos modelos e mostrar de que forma a intensificação do tratamento do VHC em conjunto com outras intervenções podem reduzir a transmissão do VHC entre a população. A intensificação da oferta de tratamento também exigirá a promoção de parcerias cada vez mais eficazes entre os serviços especializados que trabalham com consumidores de drogas e aqueles que prestam assistência e tratamento no âmbito da hepatite C. Segundo o relatório, o desafio consiste em promover uma abordagem abrangente da prestação de cuidados nesta área, que garanta que, quer as atividades de prevenção, quer o acesso ao tratamento disponham de recursos adequados e sejam assegurados de forma proativa. A Organização Mundial de Saúde declarou, como um dos seus objetivos estratégicos a nível mundial, a eliminação da hepatite viral enquanto ameaça à saúde pública até 2030 (OMS, 2016). O EMCDDA está empenhado em trabalhar com os seus parceiros internacionais, europeus e nacionais nesta área a fim de melhorar a evidência disponível e apoiar as medidas necessárias para garantir que as ambiciosas metas de saúde pública estabelecidas para a eliminação da infeção pelo VHC são alcançadas.

“O facto de muitas das pessoas infetadas com o VHC desconhecerem que contraíram a doença tem consequências, quer para a transmissão contínua do vírus, quer para a saúde a longo prazo do indivíduo em causa.”